

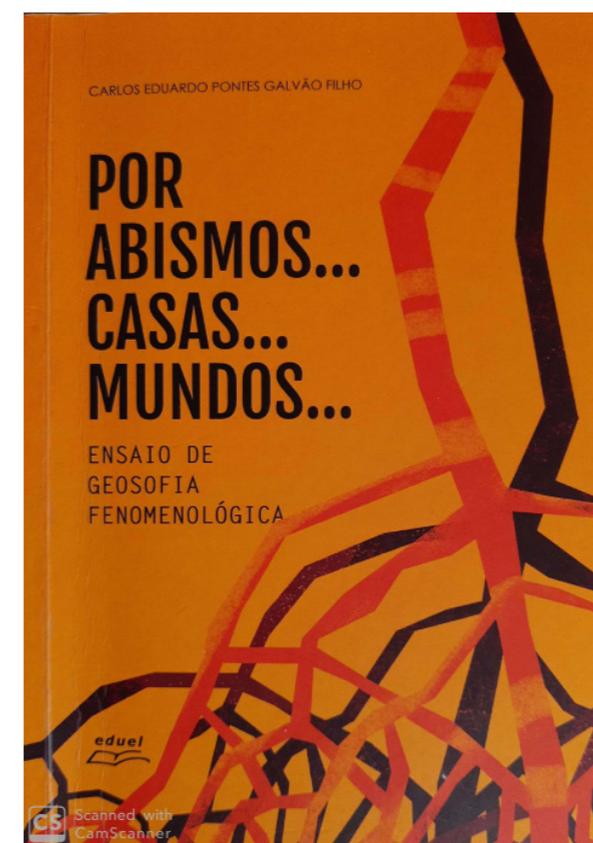
UMA VIAGEM POR ABISMOS... CASAS... MUNDOS...

Valéria Amorim do Carmo¹

GALVÃO FILHO, Carlos Eduardo Pontes. **Por abismos... casas... mundos...**: ensaio de geosofia fenomenológica. Londrina: EDUEL, 2019. 116p. ISBN 978-85-302-0026-8.

Este livro escrito por Carlos Eduardo Pontes Galvão Filho é o resultado de sua travessia teórico-metodológica realizada durante seu mestrado defendido em 2016 no Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas. Entretanto, essa história tem início bem antes de sua entrada formal no curso de pós-graduação, inspirado por uma viagem realizada há mais de uma década à Ilha do Cardoso. Ali começaram as primeiras contrações do que chamou de seu “parto geográfico”. Um encontro existencial que Galvão Filho nos brinda nesta obra.

Sua escritura, contextualizada na Geografia Humanista Cultural de matriz fenomenológica, em vários momentos ao longo do texto, me remeteu a Husserl ao propor, através da redução, colocarmos em suspensão nossa bagagem de conhecimentos a priori para mergulharmos, a convite de Galvão Filho,



¹ Núcleo de Pesquisa em Geografia Humanista – NPGEOH, Departamento de Geografia – Instituto de Geociências – UFMG. vamorimbh@gmail.com.

✉ Avenida Pres. Antônio Carlos, 6627, Pampulha, Belo Horizonte, MG. 31270-901.

Uma viagem por abismos...casas...mundos...
Valéria Amorim do Carmo

no universo da experiência para que o lugar surja em toda sua potência e assim, junto com ele, venha à luz o autêntico sentido de habitar heideggeriano.

O convite para o acompanharmos nesta viagem já é feito logo no título: por abismos... casas... mundos. Me sinto instigada. Ao iniciá-la, percorrendo as primeiras páginas, sinto-me novamente convidada a uma experiência de leitura diferente das usualmente feitas, isto é, começando tradicionalmente da primeira página indo seguidamente em direção à última.

Em seu texto de abertura: “da necessidade de cultivar e de narrar experiências viageiras”, algumas palavras estão propositadamente destacadas em negrito: **necessidade do contar-se para nascer... geosofia... um... jornada... esquecimento do ser... soprarmos a narrativa das paisagens, dos territórios e dos lugares que somos... o que será (à flor da pele)**. Seduzida pelas instigantes palavras negritadas, assim me propus a jogar-me no caminho que é tecido, ou melhor, que será tecido com minha leitura pelo texto de Galvão Filho. Assim irei atravessar e ser atravessada pelo desvelamento proporcionado por “Abismos... casas... mundos”. Feito o chamado, prossigamos.

A obra propõe pensar uma ontologia geográfica a partir da fenomenologia, sendo o caminho iluminado pela geosofia apresentada pelas narrativas viageiras. A partir de viagens, pensar a própria existência – pensar origens! Nesta jornada, guiados por Galvão Filho, seguimos na companhia de Martin Heidegger, Eric Dardel, Wright, Jean-Marc Besse, Gaston Bachelard, Merleau-Ponty, Josué de Castro, Jean Grenier que irão nos ajudar a pensar na viagem como possibilidade de transformação. Este livro nos faz pensar sobre como tais travessias nos afetam para, a partir daí, meditarmos sobre a relação da viagem e o conhecimento geográfico; os sentimentos que os espaços percorridos despertaram (e ainda despertam) ao nos relacionarmos com eles.

Que conhecimento emerge desta relação? Galvão Filho nos mostra como a viagem pode ser uma possibilidade de nos colocarmos disponíveis para que surja o despertar de nossa autêntica condição de ser que habita: “[...] pensar a necessidade de narrar, a partir da viagem enquanto momento particular e marcante da existência, o conhecimento geográfico emergido de experiências nas quais a condição terrestre vibra à flor da pele” (p. 26).

Por que Galvão Filho nos convida a um pensar tão importante? Uma resposta possível é dada a partir do que Dardel nos apresenta como preocupação fundamental: a desnaturação da Terra, ou seja, estamos vendo a Terra muito mais de uma forma métrica e inautêntica do que deveríamos ver como seres terrenos que somos.

O seu desejo aqui é nos fazer pensar a viagem como jornada para superar tal crise de desnaturação. Esta superação será alcançada quando, ao contarmos geograficamente nossa própria história, pudermos narrar, contar como a realidade geográfica aparece a cada um de nós, como a Terra nos aparece. E isto é particularmente interessante para aqueles que buscam a Geografia como ciência de formação. Quando conseguimos tal feito, poderemos estar

Uma viagem por abismos...casas...mundos...
Valéria Amorim do Carmo

diante de uma Geografia “que possibilita ao homem reconhecer o mundo que é, como habitante que é, uma geografia que convoca cada homem a meditar acerca de seu próprio habitar” (p. 31). Ao estarmos diante dessa Geografia autêntica, poderemos mais do que ver a Terra de maneira geometrizada, poderemos trazer vínculos, laços fundados na experiência geográfica.

O que Galvão Filho defende e, portanto, recomenda, é que seja possível principalmente ao geógrafo, ao longo de sua formação acadêmica, uma aproximação com obras que proporcionem um pensar no qual o humanismo esteja presente. Na verdade, este contato viria como uma tomada de consciência de algo que já nascemos com ela, nossa condição terrestre, pois como bem nos lembra Carl Sauer, nascemos todos em parte geógrafo. O conhecimento geográfico não está restrito ao momento em que passamos a frequentar o meio acadêmico. Desde o nascimento, estamos a todo momento nos mantendo em relação com a Terra, como por exemplo, quando deitados no chão, brincamos. Ali mesmo, um conhecimento espacial já se coloca em formação. A este, John Wright o nomeou de geosofia: conhecimento fundado na geograficidade, uma dimensão originária da existência.

A proposta da obra de Galvão Filho é que adotemos uma postura diferente da que estamos acostumados a ter diante das coisas. Pensar geosoficamente exige que olhemos para o mundo de uma maneira diferente, que coloquemos de lado teorias prontas e acabadas em relação às coisas. Que possamos nos dirigir a elas e as experienciar sem ideias pré-concebidas; que tenhamos uma atitude fenomenológica diante do mundo para que consigamos ir às coisas mesmas, ou seja, à sua essência. E por que não refletir sobre isso na experiência de viagem? Pensar no conhecimento que daí emerge? É como o próprio Galvão Filho nos diz: “o viajar enquanto ato que estabelece geosofias” (p. 36). Viajar como possibilidade de criar geosofias a partir do encontro imediato proporcionado pela geograficidade. Um conhecimento parido por esta ligação primitiva estabelecida entre/com nós/mundo.

Sua jornada começa pela narrativa de uma experiência escrita somente 15 anos após ter estado na Ilha do Cardoso, localizada próximo a Cananéia, litoral sul de São Paulo.

A viagem ao Cardoso foi marcada principalmente pela experiência de caminhar no mangue. O modo como Carlos Eduardo mergulhou na lama possibilitou a ele “trazer para fora” uma geografia poética. Um mergulho que lhe causou uma verdadeira “vertigem geográfica – experiência que desnorteia, embora não deixe sem chão o homem, pelo contrário, na vertigem geográfica, ao que parece, não é que as referências primitivas são ignoradas, mas intensificadas” (p. 43).

É disso que esta obra nos fala; da viagem como experiência de vertigem geográfica. Da possibilidade dela nos levar ao encontro de uma Terra cuja medida seja propriamente uma medida cordial e não apenas uma medida geométrica. Uma medida pensada poeticamente junto ao coração. É preciso desmedir a Terra para medi-la poeticamente em

Uma viagem por abismos...casas...mundos...
Valéria Amorim do Carmo

toda sua autenticidade nos deixando ser afetados por ela. Assim, estaremos diante do que De Paula, citado por Carlos Eduardo nomeou de um “acontecimento geopoético”.

Segundo o autor, para que este encontro aconteça é preciso abismar para o “[...] encontro originário, que ignora convenções sociais estabelecidas, porque algo mais primordial emerge e toma conta de todo o pensar, a experiência do abismo direciona o homem à sua própria condição terrestre, restabelecendo nele direções primitivas” (p. 57).

Sigamos!... que pela experiência do **viajar por abismos... casas... mundos** possamos, orientados por **pontos cordiais**, ser afetados por um **encontro geopoético** e que, de nossas entranhas, da lama primordial, façamo-nos terrestres e visceralmente dotados de todo conhecimento geosófico **emergido poeticamente desse mundo vivido geograficamente!** 